

A MELHOR
METADE

SHÄRON MOALEM

A MELHOR METADE

Sobre a
Superioridade Genética
da Mulher

TEMAS E DEBATES

Círculo Lettores



SUMÁRIO

Prefácio	13
Introdução	17
1. Os factos da vida	35
2. Resiliência – porque são as mulheres mais difíceis de quebrar	57
3. Em desvantagem – o cérebro masculino	77
4. Capacidade de resistência – como as mulheres sobrevivem aos homens	119
5. Superimunidade – os custos e benefícios da superioridade genética	163
6. Bem-estar – porque é que a saúde das mulheres não é a saúde dos homens.....	203
Conclusão – porque importam os cromossomas sexuais.....	245
NOTAS.....	255
AGRADECIMENTOS.....	301
UMA NOTA SOBRE O AUTOR.....	307



PREFÁCIO

MAIOR. MAIS ALTO. MAIS RÁPIDO. MAIS FORTE. Estes são os termos que sempre foram usados para descrever os homens. Mas e se, cientificamente, os termos mais exatos forem frágil, fraco, débil e vulnerável?

Na segunda metade de 2019, um acontecimento imprevisível começou a tomar forma na cidade de Wuhan, na China. Surgiram notícias sobre um novo vírus que estava a matar muitas das pessoas que infetava. O que o mundo estava a viver era o aparecimento de um novo coronavírus e, com ele, o início de um acontecimento que continua a dar nova forma a inúmeros aspetos da vida moderna.

Infelizmente, esta tragédia ainda a decorrer sustentou a previsão que fiz na edição de capa dura de *A Melhor Metade*. Eu previ que o próximo grande desafio microbiano afetaria negativamente mais os homens do que as mulheres. Quando o vírus começou a espalhar-se por todo o mundo no início de 2020, tornou-se inegável que os homens estavam a morrer em maior número. Em alguns países, a taxa de mortalidade masculina era de dois para uma.

No início, a maior parte das tentativas de perceber tal discrepância não levaram em conta as diferenças biológicas inatas entre os sexos, tenderam antes a concentrar-se quase em exclusivo em variáveis comportamentais. Parece que a dependência de explicações comportamentais é um hábito excepcionalmente difícil de perder.

E assim foram mobilizados os habituais especialistas, um a um, para darem uma explicação para a «misteriosa» vantagem de sobrevivência feminina que se observava. Os especialistas referiram hábitos sanitários superiores das mulheres, como lavar as mãos com frequência e mais cuidado, como uma das explicações preliminares para elas estarem a morrer em menor número. À medida que mais provas iam surgindo, quase todas essas explicações comportamentais se revelaram inadequadas. Vejamos o exemplo da higiene. Os homens, alegou-se, eram o sexo com menos higiene pessoal e muitas vezes esquivavam-se a lavar as mãos; isto foi anunciado como uma das razões para a mortalidade masculina por Covid-19 mais elevada. Contudo, alguns países começaram a reportar que, embora mais mulheres estivessem a ser infetadas, os homens continuavam a morrer em maior número. O mesmo padrão se aplicava aos profissionais de saúde. Embora 75% fossem mulheres, morria em todo o mundo um número significativamente mais elevado de profissionais de saúde do sexo masculino. Então, o motivo deveria ser sem dúvida mais do que a simples lavagem de mãos.

O comportamento tem de facto importância na saúde, mas não poderia ser a única força por detrás da mortalidade masculina mais elevada. Aquilo a que estamos a assistir no

meio desta pandemia do coronavírus, que acontece uma vez na vida, é ao reaparecimento de uma das histórias mais antigas da Humanidade: quando a calamidade ataca, seja uma fome ou uma pandemia, sobrevivem mais mulheres. Este novo coronavírus mostrou, com uma clareza mórbida, como os homens podem ser biologicamente frágeis. E isto não acontece apenas nas pandemias: logo desde o início da vida, um pouco por todo o mundo, as meninas têm mais probabilidade de chegar ao primeiro aniversário do que os meninos.

Vemos a mesma desigualdade nas taxas de sobrevivência do cancro. Embora tenhamos dado grandes passos na melhoria da saúde global das mulheres, os dados dos últimos 50 anos mostram que os homens morrem em número assustadoramente mais alto do que as mulheres em quase todos os tipos de cancro. Esta pandemia do coronavírus ensinou-nos que está na hora de aceitar que embora, em média, os homens genéticos tenham mais massa muscular e força física, no que diz respeito a sobreviver a adversidades físicas que surgem desde o nascimento até tarde na vida, as mulheres genéticas levam quase sempre a melhor. E isto não é coisa pouca, porque elas fazem uso durante toda a vida de dois cromossomas X, ao passo que os homens só têm um. Usar dois cromossomas X confere às mulheres genéticas uma maior diversidade genética geral, o que permite que as suas células cooperem e partilhem diversos recursos genéticos.

Herdar dois cromossomas X não só torna as mulheres praticamente imunes a muitos problemas genéticos ligados a esse cromossoma que afetam os homens, mas, acima de tudo, confere-lhes uma vantagem de sobrevivência em todas

as fases das suas vidas. A essa vantagem genética feminina de nascer com dois cromossomas X eu chamo a *lei da «homogameteidade»*.

A lei da «homogameteidade» não é ambígua e é cruel. Quem herda dois dos mesmos cromossomas sexuais, como as mulheres homogaméticas, é geneticamente dotado. Quem nasce homem heterogamético XY, terá uma desvantagem genética. Este livro foi escrito para chamar a atenção para a lei da «homogameteidade» e para a sua importância em esclarecer as diferenças geneticamente enraizadas entre os sexos. A medicina moderna não está a servir bem qualquer dos sexos quando evita as diferenças biológicas básicas existentes entre nós. Num futuro incerto, a sobrevivência de ambos os sexos genéticos será fundamental para manter a diversidade genética da qual depende a nossa sobrevivência enquanto espécie. A Covid-19 deixou inequivocamente claro que, sejam quais forem as circunstâncias e as condições ambientais, as mulheres têm uma maior probabilidade de possuir os recursos internos para sobreviver.

A questão é: será o número desproporcionalmente mais elevado de mortes masculinas devidas a este coronavírus um incentivo persuasivo o bastante para aceitarmos por fim as enormes diferenças biológicas que existem entre os sexos?

Sharon Moalem, MD, PhD